

**O RETRATO GENIAL DE
VINCENT**
**Uma observação analítica de alguns
auto-retratos de Van Gogh**

“Retratos pintados têm vida
própria, que emerge do fundo
da alma do pintor”.
Vincent Van Gogh

Denise Maia

Durante minha estada de quase dois anos na Itália, por ocasião de uma mostra de arte no Pallazzo Reale em Milão, tive o primeiro contato com o estranho e intenso estado de alma de Vincent van Gogh.

O trabalho se iniciou a partir de uma vivência pessoal, quando me senti profundamente mobilizada por uma obra de Vincent. Senti a necessidade de visitar várias vezes não a exposição, mas esta obra em especial. A partir da contemplação da tela, me senti profundamente envolvida com seu segredo. Poderíamos então falar do caráter iniciatório do processo artístico que provocou em mim um chamado interno para que eu trilhasse um novo caminho, até então desconhecido.

Comecei a organizar o material que fui observando e busquei retratar Vincent aos olhos dos outros, tais como: psicólogos, historiadores da arte, filósofos e médicos.

O presente trabalho é fruto de uma observação de base analítica destinada a ampliar a perspectiva crítica da vida e da obra desse grande homem. Vincent sempre foi visto sob o ponto de vista da patologia, procurei lançar um outro olhar sobre ele, falando não apenas da doença, mas de sua genialidade.

Gostaria de relatar alguns dados biográficos de Vincent para podermos situar alguns fatos em sua vida. Vincent Willelm van Gogh nasceu em março de 1853 no mesmo dia em que um ano antes, nasceu e morreu seu irmão, primogênito da família van Gogh, e que tinha seu nome. Vincent ia anualmente ao cemitério olhar o seu próprio nome na lápide do túmulo. Seu pai, pastor protestante, era uma pessoa rígida e de difícil contato. Sua mãe, embora distante, era a pessoa que mais o apoiava e entendia sua forma de ser.

1 Este breve ensaio é parte integrante de um livro que será publicado em breve pela editora Lyra.

2 Psicóloga pela PUC (São Paulo) especializada em psicoterapia de orientação Junguiana.

Atualmente participa como trainée do 3º ano do curso de formação do instituto Junguiano de São Paulo e conclui o 2º ano do curso de especialização em arte Integrativa.

Vincent tinha cinco irmãos e aqueles que lhe eram mais próximos era Willemina, a irmã caçula, e Théodorus, quatro anos mais novo do que ele, a quem dedicou quase que a maioria de suas cartas, retratos vivo de suas angústias e aspirações.

Vincent foi sustentado por Théo durante toda a sua vida, mas preferia utilizar o dinheiro que recebia para sua sobrevivência, para comprar tintas, telas e pincéis. Sua vida foi extremamente precária, alimentando-se mal, sem dormir. Contraiu sífilis e não se curou.

Enquanto diagnóstico de doença mental, há muita controvérsia. Falou-se em epilepsia, esquisofrênia e atualmente se fala em transtorno afetivo bi-polar. Há um quadro de distúrbios psiquiátricos familiar: a maior parte de seus irmãos desenvolveu doenças psiquiátricas e há indícios de que um deles tenha se suicidado aos 34 anos de idade.

Há relatos de que Vincent parecia ter dentro dele duas personalidades: uma humana e dócil e outra agressiva quando se tornava colérico. Embora para ele fosse muito importante ter uma família e filhos, não conseguia estabelecer vínculos afetivos. Seu único relacionamento mais íntimo foi com uma prostituta.

Em sua família ou se era marchand de arte ou pastor protestante, mas ele foi mal sucedido em todas as suas buscas. Procurou ser missionário nas minas de carvão, professor de línguas, mas não conseguiu se realizar.

Quanto ao aprendizado estético iniciou a pintura aos 17 anos, de maneira espontânea. Sua técnica aprimorou-se pela vivência e experimentação, o que o leva a ser criticado ainda hoje por críticos de arte, que vêem sua obra apenas importante pela sua biografia.

Vincent não se encaixou em nenhum movimento artístico, passando pelo impressionismo, pelo simbolismo e foi um dos precursores do expressionismo. Ele tinha uma grande aspiração: formar no sul da França uma comunidade de artistas. Assim, depois de uma convivência de quase dois meses com Gauguin, após uma discussão, mutilou sua própria orelha esquerda. A partir daí, foram inúmeras suas internações psiquiátricas, embora sua produção artística tenha se intensificado.

Suicidou-se em julho de 1890 com um tiro no peito, aos 37 anos de idade.

Durante sua vida fez 849 quadros, mas vendeu apenas um, a preço simbólico.

Pintor holandês cuja vida, apesar de curta, foi intensa, concentrou em si mesmo seu trabalho e sua técnica, um refinamento que o levou a um extremo artístico e existencial. A partir de suas dificuldades, além de precariedade de vida, irrompeu-se o inconsciente com seus conteúdos

arcaicos- um desmembramento interno mas um esforço supremo para conservar e realizar o eu.

O inconsciente inundou o ego, que não conseguiu suportar esta força avassaladora.

Nessa patética desordem houve uma poderosa resistência à desintegração: em sua angústia extrema, descobriu uma ordem de cores e formas que permitia resistir à fragmentação.

A intensidade das cores, sua grande paixão, bem como a instabilidade das linhas, carregadas de agitação, são reflexos de um mundo interno bastante perturbado. Elas traduziam sua fúria, sua impetuosidade e seus desejos mais profundos.

Através da sua enorme sensibilidade, Vincent expressou todo o seu sofrimento. Pintando, tentava dar formas visíveis aos conflitos que atormentavam sua alma.

Sua vida foi uma busca constante de si mesmo, expressa na elaboração de 43 auto-retratos num período de apenas quatro anos e confirmada pela extensa correspondência trocada com seu irmão Theo (aproximadamente 800 cartas). Em cada auto-retrato Vincent demonstrava a necessidade contínua de exploração de aspectos de seu ego, numa busca incessante de sua própria identidade. Ele se inspirou exacerbadamente em sua própria imagem. Ao se retratar, ele estava à procura de uma moldura que, além de dar forma às suas imagens internas, o mantivesse em contato com a realidade exterior, preservando-lhe a sanidade. Sua tela não era apenas o espelho onde se interrogava, mas também um laboratório, um terreno de experiências onde adotava técnicas em função dos sentimentos que vivenciava. Cada vez que ele tentava uma nova técnica era em seu próprio rosto que o fazia. Seus auto-retratos serviam-lhe para aperfeiçoar dados adquiridos ou experiências pessoais principalmente quando se tratava do olhar, perdido, vazio e amedrontado.

Para se avaliar a pintura de Vincent, não se pode esquecer que cada elemento de sua obra pertence ao todo e assim comentários isolados são privados de qualquer sentido. Seu estilo, absolutamente único, se alterava de acordo com seu instável estado de espírito.

Auto-retratos são espelhos da psique profunda, reflexos dos estados da alma. Quando examinados em série, assim como as imagens de um sonho, revelam a continuação no fluxo de imagens do inconsciente. Desta forma, optei pela observação dos auto-retratos de van Gogh.

A leitura de um auto-retrato pode ser feita pressupondo uma dialética figura-fundo, onde se considera cada figura de Vincent uma projeção atualizada de sua vida, que busca destacar-se do fundo. Observa-se assim sua luta constante para se diferenciar, com alguns momentos de maior organização interna e outros de grande desestrutura.

Após sua automutilação, ainda no hospital e voltado totalmente para dentro de si mesmo, ele procurou reiniciar o seu trabalho através dos auto-retratos, buscando nos olhos dos observadores o espelho da alma, que refletia sua situação. Apesar de os últimos auto-retratos irem se tornando o reflexo de um mundo interno que se desintegrava, num certo momento, Vincent parecia transcender o limite egóico e atingir outros níveis de realidade.

Para Jung, a arte não é apenas um produto psíquico que pede uma compreensão regressiva, mas uma observação prospectiva em que o significado e o caráter de cada obra são inerentes a ela e não determinados apenas pela experiência íntima e pessoal do artista. Sabendo a importância que é atribuída às imagens e aos símbolos, convido-os agora a se deixarem envolver por alguns de seus auto-retratos.

Seus primeiros auto-retratos eram escuros. A figura se mistura ao fundo que era portanto neutro e obscuro. Os olhos pareciam vazados denotando uma profunda melancolia (A.R.4).

Nesta série, Vincent apresentava-se em suas telas bem vestido, muitas vezes usando chapéu e fumando cachimbo, procurando valorizar sua imagem.

A maior parte dos A . R. desta série (A.R. 12; A.R. 31; A.R. 32) foi feita em Paris, num momento de muita angústia. Apesar disto, o fundo vai se tornando mais claro e o efeito do impressionismo mais presente em suas telas, com a utilização de cores mais fortes e brilhantes.

Vão acontecendo pinceladas maiores verticais e horizontais, criando um certo movimento trêmulo ao fundo, de onde a face emerge. Finalizando sua estada em Paris, Vincent pintou seu último A. Retrato desta série, o de nº 32. Esta foi sua primeira obra em que a figura se destacou totalmente do fundo. O cavalete e a palheta se fazem agora presentes, revelando sua identidade profissional.

Em carta à sua irmã Willemina, Vincent fala sobre este quadro:

“Estando tão ocupado comigo mesmo neste momento, quero tentar pintar meu auto-retrato escrevendo. Em primeiro lugar quero enfatizar o fato de que uma mesma pessoa pode fornecer temas para retratos muito diferentes...”

A face pink acinzentada, com olhos verdes e cabelo grisalho, a testa franzida e, ao redor da boca rígida e inexpressiva, uma barba muito vermelha, consideravelmente negligenciada e desolada, tendo porém os lábios carnudos. Uma blusa azul de camponês, feita de linho grosseiro, e a palheta com amarelo limão, vermelho, verde malaquita, azul cobalto, em resumo, todas as cores exceto o alaranjado da barba.

A figura em contraste à parede branca você dirá que parece, por exemplo, a face da morte”.

A partir de sua chegada a Arles, sentiu-se entusiasmado. Era o sol da Provença a iluminá-lo e a ser irradiado em suas telas. Busca identificar-se com as pessoas simples do campo, não mais valorizando a “persona parisiense” (A.R. 33). Retrata-se com chapéu de palha e o amarelo torna-se cada vez mais presente em sua tela.

Em seu quarto, depois que mutilou sua orelha esquerda, pinta-se a partir de seu reflexo diretamente do espelho. Assim, a orelha direita, e não a esquerda, aparece enfaixada. Busca então convencer a si mesmo e aos outros de que, apesar de tudo, estava bem (A.R. 38).

Apesar de a figura destacar-se totalmente do fundo, o olhar, como sempre, é vazio e perdido.

Quando se tornam mais intensas as alucinações e as fantasias persecutórias são feitos os últimos quatro auto-retratos, dentro do hospital psiquiátrico em Saint Remy, todos eles mostrando a orelha esquerda intacta. A desintegração interna é expressa na desmaterialização da imagem (A. R. 41).

Em outra carta à irmã, Vincent diz:

“Estou trabalhando em dois auto-retratos neste momento- querendo um outro modelo- porque é mais que tempo de fazer um pequeno trabalho figurativo.

Um foi começado no dia em que acordei, eu estava magro e pálido como um fantasma. É um forte azul violeta com a cabeça esbranquiçada e cabelo amarelo, de tal forma a ter um efeito colorido”.

A pincelada torna-se densa e pesada. A imagem é de uma palidez chocante, suas cores são escuras e macabras e a sua crise é expressa na segmentação do traçado.

No penúltimo auto-retrato (A.R.42), como se tivesse vivenciado o máximo de sofrimento possível, pareceu transcender este limite. Este retrato é dominado por espirais que são a mais livre e primitiva das figuras fundamentais, significando a evolução “além de si” e simbolizando uma nova consciência cósmica.

Numa carta à Théo, Vincent diz:

“... e em resumo, eu preferia ter uma doença irrecuperável como esta a estar como eu estava em Paris quando ela se desenvolveu. E você verá quando colocar o retrato com fundo claro que acabo de terminar, próximo ao auto-retrato de Paris, que pareço muito mais sadio agora do que antes.

Estou realmente inclinado a pensar que o retrato falará mais a você do que a minha carta”.

O último auto-retrato (A.R. 43), presente dado por Vincent à sua mãe, expressa uma falsa realidade, mas o desejo de como gostaria de ser visto e lembrado. Este auto-retrato é parte integrante de um outro quadro: o quarto de Vincent e está sobre a cama, ao lado do retrato da irmã.

Através da observação dos quarenta e três auto-retratos, pode se percorrer o caminho existencial trilhado por Vincent.

Sabe-se que a expressão da fantasia, em suas mais diversas formas, como a pictórica, possibilita a manifestação espontânea de um processo em si inconsciente, denominado por Jung processo de individuação.

A obra de Vincent fascina; da profundidade vem a luz que nos toca. Essa luz, irradiada em suas telas, fruto de um chamado interno em sua vida, expressa todos os valores do drama humano- a dor de viver. Por isso, Vincent é atemporal e será eterno.